

MESTRADO
TEMAS DE PSICOLOGIA

FATORES DE RISCO SOCIOCULTURAL E A QUALIDADE DA RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA

VILNA GRACIELA MERCADO RAMOS

M

2025



Fatores de risco sociocultural e a qualidade da relação mãe-criança

Vilna Graciela Mercado Ramos

Junho 2025

Dissertação apresentada no Mestrado em Temas de Psicologia, área de Proteção e Promoção dos Direitos das Crianças, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Joana Dias Cadima (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar a minha mais profunda gratidão à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Um agradecimento especial, em primeiro lugar, à minha orientadora, Professora Doutora Joana Dias Cadima, Vice-diretora do CPUP - Centro de Psicologia da Universidade do Porto, cuja orientação e perspectiva foram essenciais ao longo deste estudo.

Em segundo lugar, à minha irmã, investigadora Dra. Geovana Carla Mercado Ramos, cujo suporte foi muito valioso.

A minha gratitude estende-se ainda aos meus filhos, Sebastian e Nicole, a luz da minha vida, pelo seu constante alento, assim como ao meu marido Jürgen, ao resto da minha família, amigos e colegas.

RESUMO

O presente estudo analisa a associação entre fatores de risco sociocultural e a qualidade da relação mãe-criança, com base na premissa de que os contextos sociais e culturais podem influenciar significativamente o desenvolvimento infantil. Riscos como a pobreza, a exclusão social e a falta de acesso a recursos educativos podem ter um impacto negativo no crescimento físico, cognitivo e emocional de uma criança. Por isso, compreender a qualidade da relação mãe-criança em contextos vulneráveis é essencial. Este estudo quantitativo, e correlacional, baseia-se em dados secundários recolhidos no âmbito de um projeto da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Os objetivos foram: (1) verificar se existe associação entre a presença de fatores de risco sociocultural e a qualidade da relação mãe-criança; (2) investigar se a acumulação desses fatores tem impacto na referida relação. Contrariamente ao esperado, os resultados não mostraram associação significativa entre a acumulação de fatores de risco socioculturais e a qualidade da relação mãe-criança. No entanto, foram identificadas algumas associações específicas entre determinados fatores de risco e dimensões da relação mãe-criança. O fator “agregado numeroso” associou-se negativamente ao envolvimento materno, sugerindo que a presença de múltiplos membros na família pode reduzir a atenção individual da mãe. Por outro lado, esse mesmo fator relacionou-se a menores níveis de frustração relacional, indicando um possível efeito protetor. Esses achados revelam um padrão complexo de interações entre fatores socioculturais e as dinâmicas relacionais, sublinhando a importância de abordagens multifatoriais na análise de contextos de risco.

Palavras-chave: Risco sociocultural, Relação mãe-criança, Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

This study examines the association between sociocultural risk factors and the quality of the mother-child relationship, based on the premise that social and cultural contexts can significantly influence child development. Risks such as poverty, social exclusion, and lack of access to educational resources may negatively impact a child's physical, cognitive, and emotional growth. Therefore, understanding the quality of the mother-child relationship in vulnerable contexts is essential. This quantitative, correlational study is based on secondary data collected within a broader research project at the Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Porto. The objectives were: (1) to investigate whether there is an association between the presence of sociocultural risk factors and the quality of the mother-child relationship; and (2) to examine whether the accumulation of such risks affects this relationship. Contrary to expectations, the results did not show a significant association between the accumulation of sociocultural risk factors and the quality of the mother-child relationship. However, some specific associations were identified between certain risk factors and dimensions of the mother-child relationship. The risk factor “large household” was negatively associated with maternal involvement, suggesting that the presence of multiple family members may reduce one-on-one time between mother and child. On the other hand, this same risk factor was linked to lower levels of relational frustration, indicating a potential protective effect. These findings highlight the complex interplay between sociocultural conditions and relational dynamics, underscoring the importance of multifactorial approaches when analyzing contexts of risk.

Keywords: Sociocultural risk, Mother-child relationship, Child development

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1. Risco Sociocultural – Perspetivas Sistémicas	7
2. Risco Sociocultural e Impacto no Desenvolvimento das Crianças	8
3. Risco Sociocultural e Relação Mãe -criança	10
4. Fatores de Risco Sociocultural	12
5. Objetivos	13
 MÉTODO	 14
1. Participantes	14
2. Instrumentos	16
2.1. Parenting Relationship Questionnaire (PRQ)	16
2.2. Questionário Sociodemográfico	17
3. Procedimentos	17
4. Plano de Análises	17
 RESULTADOS	 19
1. Estatísticas Descritivas	19
2. Correlações	20
3. Regressões	22
 DISCUSSÃO	 23
 LIMITAÇÕES E LACUNAS	 26
 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	 27
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 29

INTRODUÇÃO

O risco sociocultural se refere às possíveis ameaças ou desafios que surgem da interação entre fatores sociais e culturais num ambiente específico (Garbarino & Ganzel 2000). Iremos também mencionar que a qualidade da relação mãe-criança pode estar relacionada com esses riscos.

1. Risco Sociocultural – Perspetivas Sistémicas

As perspetivas sistémicas são enfocadas na compreensão dos riscos socioculturais, tendo em conta a complexidade dos sistemas sociais e culturais, reconhecendo as interconexões e as influências mútuas entre diferentes elementos do sistema. Isso implica a possibilidade de que as condições sociais e culturais adversas afetem as qualidades dos indivíduos, comunidades ou sociedades em diversos aspetos (Garbarino & Ganzel 2000)

A toxicidade social, ou os riscos socioculturais ameaçam o desenvolvimento, e precisamos de um enfoque de sistemas já que o desenvolvimento infantil depende também da interação dos sistemas sociais (Garbarino, 1995). Assim como a ecologia estuda a interação entre o organismo e o meio ambiente, a ecologia humana trata da relação entre o ser humano e seu ambiente, precisamos considerar o microsistema (cercamento imediato), o mesossistema (a relação casa, escola a relação entre os microsistemas), o exossistema (as decisões sobre o trabalho, as igrejas, etc. pois estas decisões afetam as crianças de forma indireta) e o macrosistema (ideologia e cultura) como na visão de Bronfenbrenner (1977) sobre a ecologia social. O contexto social é importante. Mas não é só a quantidade de fatores de risco, mas a combinação deles que deve ser considerada, e como interagem

Shonkoff (2012) aponta a importância de intervenções que reduzem a adversidade, ele diz que é preciso mudar o modelo de “assistência -médica” para o modelo de “bem-amor”. O bem-estar das crianças e de suas famílias é um foco muito importante, as experiências temporárias e influências do ambiente na infância podem afetar a predisposição genética afetando a arquitetura do cérebro

Um outro aspeto que poderia estar relacionado com o risco sociocultural é o aspeto da classe social, Lareau (2002) estabelece uma relação entre classe social e educação, a classe social se associa com espaços de diferenciação que permitem explicar desigualdades geradoras

de identidade, que se vinculam a grupos ampliados, isto é, se conformam de acordo com as relações que se dão neste espaço. Esta mirada parte do reconhecimento de que a permanência em uma classe social tem uma influência poderosa na vida das famílias e na vida das crianças fora da casa. Lareau (2002) diz que a classe social cria de facto estilos parentais distintos. A classe social tem maior impacto que a etnicidade ou raça. As famílias das classes medias, possui a vantagem de ter praticas parentais mais concertadas com a cultura da escola e da sociedade. Lareau (1989) manifestou que os níveis mais elevados de capital cultural possuídos pelos membros da classe alta ampliam o efeito do envolvimento dos pais para os alunos favorecidos

No século XX se falava sobre as novas morbidades (uma variedade de dificuldades de desenvolvimento, comportamentais e familiares) agora falamos sobre as mais novas morbidades (transtornos de humor, abuso de substâncias dos pais, exposição à violência) agora se tem identificado as "morbilidades milenares", existem mais preocupações de saúde mental, a influência das novas tecnologias, o aumento epidémico da obesidade, as disparidades económicas, raciais e étnicas que afetam a saúde (Shonkoff e Garner 2012)

2. Risco Sociocultural e Impacto no Desenvolvimento das Crianças

O risco sociocultural pode ter impacto significativo no desenvolvimento infantil, já que as ameaças podem surgir a qualquer momento de maneira direta ou através da falta de oportunidades previsíveis (Shonkoff e Garner 2012). Há fatores de risco biológico, como desnutrição ou lesões, mas também existem riscos socioculturais como a pobreza, a discriminação e a falta de acesso a recursos educativos. Esses elementos podem afetar a qualidade de vida das crianças, dificultando o seu crescimento físico, cognitivo e emocional (Garbarino, 1995). Então é importante poder compreender a qualidade da relação entre mãe e criança num contexto de risco social, já que o entorno da criança pode ter muita influência no desenvolvimento dela, precisando abordar quais são as situações de risco tanto social como cultural falando então de situações de risco sociocultural (Garbarino e Ganzel 2000)

Um estudo de Cadima e colaboradores (2009) analisou os efeitos de múltiplos fatores de risco dos contextos familiares em relação ao desenvolvimento social e cognitivo das crianças. No mesmo foram avaliadas competências sociais, de literacia, e de numeracia. As análises do estudo confirmaram que, à medida que aumenta o número de fatores de risco do contexto familiar, os resultados cognitivos das crianças baixam, o que apoia a ideia de que o poder de

cada fator de risco depende da acumulação. A exposição constante a ambientes socioculturalmente desfavorecidos pode contribuir para disparidades no desenvolvimento infantil, aumentando a vulnerabilidade a problemas de saúde e educativos. As abordagens contemporâneas adotam uma perspectiva de curso de vida que considera as trajetórias inter-relacionadas não apenas da criança, mas também de outros membros da família (Elder, Johnson e Crosnoe, 2003)

Também Sameroff e Chandler (1975) indicaram a importância dos estilos parentais no desenvolvimento das crianças e não só da natureza ou da genética com a qual já nasce a criança, (tanto a natureza como os estilos parentais são importantes) falando da importância do Modelo da Regulação, na sua Teoria Unificada do Desenvolvimento (Sameroff & Chandler, 1975)

Nesse modelo de Regulação Transacional ele indica que tudo no universo está afetando alguma outra coisa ou sendo afetado por outra coisa. Nesse modelo transacional o desenvolvimento da criança é um produto das interações dinâmicas contínuas da criança e da experiência proporcionada pelos seus ambientes sociais. Shonkoff e Garner (2012) sugere que muitas enfermidades na idade adulta devem ser consideradas como traumas do desenvolvimento, aliviar o estresse tóxico na infância pode reduzir as disparidades de saúde associadas à pobreza, a discriminação ou maus-tratos

A cognição infantil não deriva só das experiências diretas da criança com o ambiente, mas também de interpretações que são fornecidas por outros, e que estão integradas nas relações entre a criança e seu ambiente, incluindo aqui as relações familiares e as situações socioculturais e até económicas (Gelman, 2009; Raver, 2004)

A teoria da vinculação de Bowlby (1969, 1973) diz que a qualidade das relações pais-filhos estabelece as bases para o desenvolvimento posterior da personalidade e que uma relação de vinculação segura se traduz numa adaptação saudável, enquanto vinculações inseguras sinalizam um risco de dificuldades no funcionamento posterior e potenciais sintomas clínicos

A investigação desde o desenvolvimento da teoria do vínculo, tem demonstrado que a qualidade da vinculação entre pais e filhos é um dos principais determinantes ambientais para o bem-estar das crianças (Bowlby 1969, 1973). Por exemplo, as investigações demonstraram que as crianças com vinculações seguras internalizam estratégias efetivas de regulação das emoções através da relação de apego, e depois podem aplicar estratégias adaptativas de regulação das emoções, mesmo quando a figura de vinculação não está presente (Brumariu 2015)

Um outro estudo examinou a relação entre os fatores de risco socioeconômicos, o ambiente de aprendizagem em casa e as competências linguísticas das crianças (Castro, 2015). Os resultados indicaram que as crianças expostas a múltiplos riscos socioeconômicos tendem a ter um vocabulário mais baixo e competências gramaticais mais fracas

Uma pesquisa comunitária conduzida no leste da China examinou a associação entre vários fatores de risco dos pais e o desenvolvimento da primeira infância (Zheng et al. 2023). O estudo descobriu que os problemas de saúde mental dos pais, o baixo nível educacional e as práticas parentais adversas estavam significativamente ligados a atrasos no desenvolvimento das crianças

No modelo cumulativo de Sameroff e colaboradores (2010) ou de risco múltiplo mencionam oito fatores de risco identificados (doenças mentais maternas, pobreza, baixa escolaridade, abuso de substâncias, ausência do pai, estilo punitivo de criação de filhos, estatuto de grupo minoritário, família grande) e indicam que o risco é maior se mais de dois fatores estiverem presentes, mas sobretudo indica que é o acúmulo de fatores de risco o que teria maior importância. Então o poder de cada fator de risco depende da sua acumulação

3. Risco Sociocultural e Relação Mãe-criança

A relação mãe-criança pode ser afetada por fatores de risco sociocultural. A disponibilidade de recursos, como o tempo dedicado às crianças, o acesso aos serviços de saúde e educação e o apoio social, podem variar significativamente em ambientes socioculturalmente diversos, influenciando as dinâmicas e o desenvolvimento da relação mãe-criança. Por exemplo, mães que enfrentam desafios econômicos, discriminação ou barreiras culturais podem experimentar níveis adicionais e altos de estresse, o que pode incidir na qualidade do relacionamento com seus filhos (Shonkoff, 2012)

Shonkoff (2016) indica que além que tenha sido demonstrado que a depressão materna afeta os níveis de desenvolvimento cognitivo, linguístico, social e emocional saudável dos bebês, foi prestada atenção escassa à relação mãe-filho no tratamento da depressão feminina com crianças pequenas. Além disso, o tratamento da depressão nas mulheres geralmente não aborda de forma explícita a relação mãe-filho. Essa omissão reflete uma falta de compreensão sobre as consequências para o cérebro no desenvolvimento de uma criança pequena quando a reciprocidade é essencial na relação mãe-filho (Ibid, 2016)

Deffaa et al, (2022) compararam a parentalidade materna e a regulação do comportamento das crianças no Chile e na Alemanha. O estudo revelou que os elevados fatores de risco familiar estavam associados a um aumento do controlo restritivo materno, o que por sua vez impactou negativamente a regulação do comportamento das crianças

Outro estudo de Ferreira e Cadima (2016) em relação ao Comportamento Pró-social (em base a Eisenberg et. al 2001) achou que alguns preditores da empatia dos adultos foram a tolerância materna ao comportamento dependente e a inibição materna da agressão da criança na primeira infância. Foi interessante que no estudo foi visto que as mães tendem a ser verbais e didáticas nas suas brincadeiras, enquanto os pais tendem a envolver-se em brincadeiras mais fisicamente estimulantes e imprevisíveis.

Outro estudo de Ferreira e colaboradores (2016) mostra que o envolvimento dos pais pode acontecer por diferentes maneiras e as mães e pais podem participar na vida da criança. São importantes as interações diretas dos pais com a criança, através de cuidados e atividades compartilhadas, estas interações podem ser usadas para caracterizar a participação das mães e dos pais na vida das crianças (Pleck, 2010). O envolvimento dos pais tem sido reconhecido como um preditor positivo para o desempenho cognitivo e o desenvolvimento socioemocional (Cabrera, Shannon e Tamis-LeMonda, 2007)

Entao quando pensamos em famílias monoparentais, onde normalmente o pai está ausente, grande parte da rede de apoio mútuo é inexistente tornando mais do que relevante entender isto como um risco sociocultural no desenvolvimientio das crianças, onde pode não haver tempo ou espaço ou oportunidade adequadas para as brincadeiras e para as atividades de lazer ou lúdicas

Pesquisas académicas recentes têm examinado os efeitos das estruturas familiares monoparentais no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. Por exemplo, um estudo transversal nacional no Japão (Naito et al., 2022) investigou a saúde mental de crianças dos 0 aos 14 anos durante o estado de emergência da COVID-19. Os resultados revelaram que as crianças em lares monoparentais apresentaram maior probabilidade de instabilidade emocional em comparação com as que se encontravam em lares com dois pais. Um outro estudo também investigou os resultados do desenvolvimento de crianças criadas por pais solteiros. A investigação descobriu que estas crianças enfrentam frequentemente desafios como o baixo desempenho académico, a redução das interações sociais e o aumento de problemas emocionais e comportamentais

Também Chavda e Nisarga (2023) examinaram a influência da monoparentalidade no desenvolvimento emocional dos alunos do ensino básico. Descobriram que as crianças de famílias monoparentais se sentem frequentemente abandonadas, sentem tristeza devido à sua situação familiar e têm dificuldade em confiar nos outros, o que pode afetar o seu desenvolvimento geral e o seu desempenho académico

Rohimah et al 2022, exploraram o desenvolvimento social e emocional de crianças pequenas em famílias monoparentais. As descobertas destacaram que a ausência de um papel parental pode ter impacto no processo de socialização e no bem-estar emocional de uma criança. O estudo sublinha a importância de fornecer apoio social e recursos aos pais solteiros para promover melhores resultados de desenvolvimento para os seus filhos

4. Fatores de Risco Sociocultural

Existem fatores socioculturais relacionados com as famílias, que podem funcionar como fatores de risco para o desenvolvimento humano, particularmente em contextos de vulnerabilidade social. Estes fatores de risco sociocultural influenciam negativamente o desenvolvimento infantil, familiar e comunitário (Garbarino e Ganzel, 2000). Os fatores socioculturais como o contexto económico e comunitário influenciam diretamente a relação mãe-criança (Bronfenbrenner, 1979)

Têm sido identificados alguns destes fatores de risco, nomeadamente, baixo nível educacional dos pais, monoparentalidade, agregado numeroso (Sameroff, 2008). Entre outros fatores estão também os acontecimentos de vida negativos, o desemprego, e o rendimento baixo (Rutter, 1985)

De acordo com o modelo transacional, o desenvolvimento não é afetado por um único fator de risco, mas pela acumulação de múltiplos fatores de risco, no contexto familiar, social e cultural (Sameroff, 2000) De acordo com o mesmo modelo (Sameroff e Chandler, 1975), o desenvolvimento da criança é um produto das interações dinâmicas contínuas da criança e da experiência proporcionada pelos seus ambientes sociais. Neste sentido, importa verificar se a acumulação de fatores de risco tem um efeito negativo na relação da criança com a mãe

O presente estudo procura verificar se existe correlação entre fatores de risco sociocultural, e a qualidade da relação mãe-criança, da mesma maneira tenta verificar se existe correlação entre a acumulação de estes fatores de risco sociocultural, e a qualidade da relação

mãe-criança. A importância de este estudo surge porque, apesar de estudos feitos noutros países que terem já analisado o efeito de fatores de risco no desenvolvimento da criança, ainda são escassos os estudos em Portugal

Analisar se a acumulação de fatores de risco pode ajudar não só as crianças, mas também a identificar as famílias mais vulneráveis e ajudar na implementação de programas e projetos que consigam favorecer uma relação mãe-criança de qualidade, assim como maior suporte às mães (Assiego et al., 2019). Além de tudo isto, este estudo pode ser útil para compreender se a qualidade da relação mãe-filho é afetada individualmente por fatores de risco socioculturais, nomeadamente, a família monoparental, os baixos rendimentos entre outros fatores, podendo ser que alguns deles possam ser mitigados através de políticas públicas adequadas que apoiem as famílias

5. Objetivos

Para tentar entender e verificar os fatores de risco sociocultural que se combinam entre si, em relação a qualidade da relação mãe-criança; iremos analisar essa dinâmica, e por tanto os objetivos são:

- Verificar a associação entre a presença de fatores de risco sociocultural e a qualidade da relação mãe-criança
- Verificar a associação entre a acumulação dos fatores de risco sociocultural e a qualidade da relação mãe-criança

MÉTODO

O presente estudo é uma análise secundária, com base nos dados recolhidos no contexto do projeto de investigação mais amplo da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade do Porto. O estudo é um estudo quantitativo com desenho não experimental (Kerlinger, 1979) transversal e correlacional. O estudo não procura estabelecer relações de causalidade, mas tenta verificar correlações entre ambas as variáveis, para poder compreender como a presença dos fatores de risco sociocultural se relacionam com a qualidade da relação mãe-criança, e se, seguindo o Modelo de Risco Cumulativo (Gutman, Sameroff e Cole, 2003) quanto maior o número de fatores presentes, maior a probabilidade de que a qualidade relação mãe-criança seja prejudicada.

1. Participantes

As participantes foram 196 mulheres mães, e 233 crianças em idade pré-escolar mais especificamente com idades por volta dos 63 meses ($DP = 9.16$), 106 das crianças foram de sexo feminino e 125 de sexo masculino. Relativamente à situação profissional, a maioria das mães encontrava-se a trabalhar (60.7%), estando uma parte delas desempregadas (30.6%)

Relativamente ao nível de escolaridade um 17.9 % das mães tinha concluído só o 2º ciclo, estando apenas o 15.3% a frequentar o estudo superior. 48 das famílias (24.5%) foram consideradas como famílias numerosas, e 148 das mesmas (75.5%) não eram agregados familiares numerosos.

Enquanto o rendimento das famílias, um total de 36.5% delas, recebiam apoio em subsídios da segurança social (19.7%) ou tinham um rendimento inferior ao salário mínimo nacional (16.8%)

Tabela 1

Características demográficas dos participantes, descrição da amostra

<i>Variável</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>
Criança				
Sexo				
Feminino	106	45.9%		
Masculino	125	54.1%		
Idade em meses	222		63.42	9.16
Mãe				
Situação profissional				
Trabalhadora	119	60.7%		
Doméstica	15	7.7%		
Reformada	1	0.5%		
Desempregada	60	30.6%		
Estudante	1	0.5%		
Nível de escolaridade				
1ºciclo	24	12.6%		
2º ciclo	34	17.9%		
3º ciclo	54	28.4%		
Secundário	49	25.8%		
Ensino superior	29	15.3%		
Agregado familiar				
Família não numerosa (1 a 4 integrantes)	148	75.5%		
Família numerosa (5 ou mais integrantes)	48	24.5%		
Rendimento				
Subsídio segurança social	34	19.7%		
Inferior salário mínimo	29	16.8%		
Outro	110	63.6%		

2. Instrumentos

2.1. Parenting Relationship Questionnaire (PRQ)

Para avaliar a relação entre a mãe e a criança, foi utilizado o *Parenting Relationship Questionnaire* (PRQ-p) na sua versão Pré-escolar

Este é um instrumento de relato do progenitor que tem como objetivo avaliar a dinâmica da relação entre pais e filhos pequenos, de acordo com a perspectiva da mãe. O instrumento contém 43 itens, e tem uma escala de resposta tipo Lickert de 4 pontos (1 = Discordo totalmente; 4 = Concordo totalmente), na qual os pais expressam seu nível de concordância em relação às afirmações do questionário

O instrumento consta de 5 subescalas as quais são:

- a) Vinculação (Ainsworth e Bell 1970): Avalia o Vínculo emocional e ligação entre pais e filhos, a capacidade dos pais para fornecer uma base segura e atender às necessidades emocionais da criança. A subescala consta de 11 itens (Exemplo de um item: *Quando o(a) meu(minha) filho(a) está irritado(a), eu consigo acalmá-lo(a)*);
- b) Práticas de disciplina (Baumrind 1966; Gershoff 2002): Avalia as estratégias utilizadas pelos pais para gerir e orientar o comportamento dos filhos. A subescala consta de 9 itens. (Exemplo de um item: *Eu castigo o(a) meu(minha) filho(a) se ele(a) responde torto a um adulto*)
- c) Envolvimento (Lamb 1981; Cabrera et al. 2007; Pleck, 2010): Avalia a participação ativa dos pais na vida e atividades diárias da criança. A subescala consta de 8 itens (Exemplo de um item: *Eu e o(a) meu(minha) filho(a) combinamos coisas para fazer em conjunto*);
- d) Sentido de competência parental (Bandura 1997; Jones e Prinz 2005): Avalia a autoeficácia dos pais e a crença na sua capacidade de nutrir e educar os seus filhos de forma eficaz. A subescala consta de 7 itens (Exemplo de um item: *Tenho confiança na minha competência enquanto mãe*)
- e) Frustração relacional (Abidin 1995; Crnic e Low 2002): Avalia o nível de stress, frustração ou conflito na relação entre pais e filhos. A subescala consta de 8 itens (Exemplo de um item: *É difícil para mim lidar com o(a) meu(minha) filho(a)*);

No presente estudo, os valores de consistência interna de cada subescala foram considerados bons, com a exceção da competência parental (cf. Tabela 2). O valor de consistência interna para a escala total (43 itens) é considerado bom, $\alpha = .80$

Tabela 2

Valor de confiabilidade e consistência interna (Alfa de Cronbach) por subescala

	<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>Número de itens</i>
Vinculação	.723	11
Práticas de disciplina	.769	9
Envolvimento	.837	8
Competência parental	.618	7
Frustração relacional	.744	8

2.2. Questionário Sociodemográfico

Para a recolha de informação sociodemográfica, foi utilizado um questionário elaborado para o efeito, que permitira recolher dados sobre: Empregabilidade da mãe, Nível de escolaridade da mãe, composição do agregado familiar e situações de monoparentalidade; acontecimentos de vida negativos ou muito sérios na família, a partir de uma lista de vários eventos (e.g., divórcio, alcoolismo); rendimento do agregado, com base em três categorias (abaixo do salário mínimo nacional, subsídio da segurança social e outra)

3. Procedimentos

Após terem sido entregues os consentimentos informados, as mães preencheram os questionários relativos aos dados sociodemográficos e à escala PRQ-p versão pré-escolar para avaliar a qualidade da sua relação com a criança

4. Plano de Análises

Os fatores de risco sociocultural foram definidos de acordo com a literatura existente, assim como os respetivos pontos de corte. Mais especificamente: No caso do nível de escolaridade da mãe, foi definido como ponto de corte para fator de risco se a mãe tivesse feito

6 ou menos anos de escolaridade (2.º Ciclo do Ensino Básico), do mesmo modo, enquanto a situação de empregabilidade, foi considerado como fator de risco se a mãe estava desempregada.

Relativamente ao rendimento, foi considerado como fator de risco se a mãe tinha estado a receber subsídios da segurança social ou um salário menor ou igual ao salário mínimo nacional.

O ponto de corte para o fator de risco de monoparentalidade foi se a criança não vivia com ambos os progenitores, ou se vivia apenas com a mãe.

Enquanto o fator de risco relacionado com um agregado familiar numeroso, foi considerado o ponto de corte de 3 ou mais crianças a viver em casa. E no caso do fator de risco de ter acontecido eventos familiares negativos, foi considerado como ponto de corte terem decorrido pelo menos dois eventos negativos de uma lista de 16 eventos diversos (e.g., divórcio, doença prolongada, problemas com a justiça).

Os dados foram analisados através do SPSS, onde foram levados a cabo estatísticas descritivas, analisando a composição da amostra e as frequências, assim como dos riscos socioculturais, procurando achar as percentagens de famílias com cada risco. Também foram realizadas correlações e regressões.

RESULTADOS

1. Estatísticas descritivas

Na Tabela 3, são apresentadas as percentagens de famílias com cada fator de risco sociocultural. Podemos verificar que mais de um terço das famílias estão em situações de desemprego (38.8%) e/ou com um rendimento baixo (36.4%). Em cerca de um terço das famílias (30.4%), a mãe possui um baixo nível de escolaridade. A incidência nos restantes fatores de risco é relativamente baixa, variando entre 12.9% (Agregado numeroso) e 21.7% (presença de pelo menos 2 acontecimentos de vida negativos)

Tabela 3
Prevalência de fatores de risco sociocultural nas famílias participantes

	<i>n</i>	%
Risco 1: Monoparentalidade	33	17.0%
Risco 2: Baixo nível escolaridade da mãe	58	30.4%
Risco 3: Desemprego	76	38.8%
Risco 4: Rendimento baixo	63	36.4%
Risco 5: Agregado numeroso	25	12.9%
Risco 6: Acontecimentos de vida negativos	36	21.7%

Na Tabela 4, são apresentados o número de crianças e a respetiva percentagem de acordo com o número de riscos socioculturais. A maioria das famílias apresenta ou nenhum (30.8%) ou 1 fator de risco (25.3%). Da mesma forma, a média de fatores de risco presentes nas famílias é relativamente baixa, $M = 1.47$, $DP = 1.33$

Tabela 4
Frequências do número de riscos socioculturais

<i>variável</i>	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Total de riscos			1.47	1.33
0	61	30.8%		
1	50	25.3%		
2	40	20.2%		
3	30	15.2%		
4	14	7.1%		
5	3	1.5%		

No que se refere à relação mãe-criança, como mostra a Tabela 5, podemos verificar níveis moderados no que respeita à Vinculação, Sentido de competência parental, Práticas de disciplina, e Envolvimento e níveis relativamente baixos de Frustração relacional

Tabela 5
Médias e Desvios-padrão das dimensões das subescalas do PRQ

	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Vinculação	3.20	.383	2.18	4.00
Práticas de disciplina	3.16	.505	1.67	4.00
Envolvimento	2.97	.513	1.63	4.00
Sentido de competência parental	3.19	.454	1.67	4.00
Frustração relacional	1.91	.480	1.00	4.00

2. Correlações

Na Tabela 6, são apresentadas as correlações entre os vários fatores de risco sociocultural. Verificamos algumas associações positivas, mas tendencialmente baixas, sendo que em vários casos, não chegam a atingir a significância estatística

Tabela 6
Correlações entre os fatores de risco sociocultural

	1.	2.	3.	4.	5.
1. Risco 1: família monoparental					
2. Risco 2: baixo nível escolaridade	.049				
3. Risco 3: desemprego	.006	.262**			
4. Risco 4: rendimento baixo	.210**	.323**	.382**		
5. Risco 5: agregado numeroso	.041	.111	.186**	.194*	
6. Risco 6: eventos de vida negativos	.208**	.059	.161*	.161*	.062

Analisando as correlações existentes entre os fatores de risco sociocultural e as dimensões ou subescalas do PRQ, como podemos ver na Tabela 7, existe uma correlação negativa fraca entre o fator de risco 2: Baixo nível escolaridade da mãe e a Vinculação da mãe. Esta correlação indica que os níveis de vinculação reportados pela mãe tendem a ser mais baixos em famílias cujas mães têm um baixo nível de escolaridade

Verifica-se também que há uma correlação negativa fraca entre o fator de risco sociocultural 5: Agregado numeroso, e o grau de Envolvimento na subescala PRQ, o que pode estar a indicar que quanto maior o número dos integrantes da família, o envolvimento da mãe nas atividades com a criança tende a ser mais baixo. Verifica-se ainda uma correlação negativa igualmente fraca entre o mesmo fator de risco sociocultural e a frustração relacional na subescala PRQ, indicando que em agregados numerosos, a frustração tende a ser mais baixa. Por fim, verifica-se uma associação positiva fraca entre o fator de risco 6: Acontecimentos de vida negativos e a Frustração relacional, o que parece indicar que em famílias que já experienciaram mais do que dois eventos negativos, a frustração da mãe com o filho tende a ser mais elevada. Não se verificaram associações estatisticamente significativas entre o total de riscos socioculturais e as dimensões da relação mãe-criança

Tabela 7

Correlações entre as subescalas do PRQ e os fatores de risco sociocultural

<i>Subescalas</i>	<i>Risco 1</i>	<i>Risco 2</i>	<i>Risco 3</i>	<i>Risco 4</i>	<i>Risco 5</i>	<i>Risco 6</i>	<i>Total riscos</i>
Vinculação	.107	-.170*	.006	-.005	.136	-.028	-.021
Práticas de disciplina	-.088	-.011	-.068	-.019	.092	-.118	-.067
Envolvimento	-.001	-.135	-.031	-.042	-.236*	.008	-.130
Sentido de competência parental	.045	.042	.105	.098	.040	-.055	.062
Frustração relacional	.144	.130	-.079	.112	-.171*	.172*	.121

* $p < 0.05$

3. Regressões

De modo a compreender o efeito da acumulação dos fatores de risco na relação mãe-criança, foram efetuadas análises de regressão, controlando os efeitos do sexo e da idade das crianças. Como seria de esperar, tendo por base os padrões de correlação previamente reportados, não foram verificados efeitos estatisticamente significativos do total de riscos na relação mãe-criança

De seguida, foram conduzidas análises de regressão para analisar os efeitos dos fatores de risco sociocultural 2, 5 e 6, uma vez que tinham sido encontradas algumas associações entre estes fatores e algumas dimensões da relação mãe-criança. Uma vez que as correlações entre os fatores de risco eram baixos (cf. Tabela 6), optámos por incluir os fatores simultaneamente, no mesmo modelo de regressão. Como apresentado na Tabela 8, os resultados evidenciam um efeito negativo do baixo nível de escolaridade da mãe nos níveis de vinculação reportados. Por outro lado, um agregado numeroso teve um efeito positivo nos níveis de vinculação. Foi também verificado que as meninas tendem a ter relações de vinculação com as suas mães mais positivas

Relativamente aos níveis de envolvimento e de frustração, verificou-se um efeito negativo do agregado numeroso, sugerindo que na presença de agregados numerosos, o nível de envolvimento da mãe tende a decrescer, mas também tende a decrescer o nível da frustração parental. Não foram detetados outros efeitos estatisticamente significativos.

Tabela 8

Sumário das análises de regressão dos efeitos dos fatores de risco sociocultural na relação mãe-criança

	Vinculação			Práticas de disciplina			Envolvimento			Sentido de competência parental			Frustração relacional		
	<i>B</i>	<i>SE</i>	StB	<i>B</i>	<i>SE</i>	StB	<i>B</i>	<i>SE</i>	StB	<i>B</i>	<i>SE</i>	StB	<i>B</i>	<i>SE</i>	StB
Idade da criança	.005	.004	.109	.004	.005	.070	.006	.005	.098	.005	.005	.095	-.007	.005	-.117
Género da criança	-.145	.069	-.182*	.052	.093	.050	-.023	.094	-.022	-.132	.085	-.140	-.038	.088	-.037
Riscos															
2: Baixo nível escolaridade da mãe	-.191	.072	-.229*	-.003	.098	-.003	-.152	.099	-.136	.014	.090	.014	.142	.093	.134
5: Agregado numeroso	.234	.102	.201*	.150	.139	.099	-.322	.139	-.207*	.117	.127	.084	-.324	.132	-.217*
6: Acontecimentos de vida negativos	-.031	.079	-.034	-.130	.107	-.112	.080	.108	.066	-.061	.098	-.058	.183	.101	.160+

Nota.

Os fatores de risco foram introduzidos simultaneamente nos modelos de regressão.

Género da criança 1 = rapaz.

* $p < .05$ ** $p < .01$.

DISCUSSÃO

O presente estudo pretendia verificar se existia uma associação entre os fatores de risco sociocultural e a qualidade da relação mãe-criança, procurando, em particular, verificar se existia um efeito da acumulação dos fatores de risco sociocultural na qualidade da relação mãe-criança. Contrariamente às nossas expectativas, não foi identificada uma associação entre a acumulação de fatores de risco e a qualidade da relação mãe-criança.

Foram identificadas algumas associações entre alguns dos fatores de risco e algumas das dimensões, mas nem sempre na direção esperada, apontando para um padrão de associações complexo e sobre o qual iremos discutir de seguida.

Uma das associações encontradas mostrou que o fator de risco sociocultural “agregado numeroso” se associou negativamente ao nível de envolvimento da mãe. Como temos visto, a subescala do PRQ “Envolvimento” avalia a participação ativa dos pais na vida e atividades diárias da criança. Isto pode levar a supor que com a maior presença de integrantes na família, o tempo destinado aos filhos diminui e mais ainda o tempo destinado à relação individual entre a mãe e cada criança. Também pode ser que as presenças de outros membros da família cubram o papel da mãe, podendo esta ser substituída pelos irmãos mais velhos ou avós, ou ainda outros membros da família. Assim, o facto de a família ser numerosa pode implicar que há um risco maior para que essa relação seja afetada de maneira negativa.

No entanto, o fator de risco “agregado numeroso” associa-se a uma baixa “frustração relacional”, sendo que esta subescala avalia o nível de stress, frustração ou conflito na relação entre mãe e criança. Este resultado nos leva a pensar que é possível que a mãe, podendo ser substituída em várias atividades com a criança, se sente menos estressada, com menos frustração e conflitos, ou simplesmente ganha mais disponibilidade emocional para lidar com as frustrações. Assim, um agregado numeroso parece simultaneamente funcionar como fator de risco, no nível de envolvimento, e protetor, no nível de frustração, apontando para o padrão complexo de interações entre as circunstâncias socioculturais e as relações entre a mãe e a criança.

A este respeito, outros estudos que tiveram em conta o número de membros da família em relação à proteção contra abusos ou negligência com as crianças, constataram que os indivíduos que cresceram em famílias de 4 a 8 pessoas sofreram menos maus tratos do que os indivíduos que cresceram em famílias de 2 pessoas, mostrando que parece que os agregados numerosos podem proteger as crianças da negligência (Ray e Shakeel 2022). Da mesma forma

outros estudos encontraram que o apoio social percebido da família e dos amigos estava relacionado com níveis mais baixos de stress parental (Cardoso e Thompson 2010), e que a coesão familiar mediou fortemente a maioria das relações entre o stress e os comportamentos parentais (Behnke, et al. 2008), acrescentando evidências de que fatores como: especialmente "agregado numeroso" nem sempre podem ser considerados como um fator de risco, mas como um fator de proteção em certos casos.

No entanto, é necessário esclarecer que os estudos que consideram os agregados numerosos e os seus efeitos como variável explicativa dos riscos socioculturais são escassos na atualidade, e é necessária uma maior ênfase nesta característica como parte do ambiente familiar que pode ser considerada um risco sociocultural e contribuir ou não para a qualidade da relação mãe-criança, e quais os outros fatores com os quais pode interagir tanto positiva como negativamente.

Há estudos que já tem apontado a importância de manter uma visão transacional do desenvolvimento, já que os fatores contextuais têm importância, (Cadima, McWilliam e Leal 2010; Ferreira et al. 2016; Mulder et al. 2018; Ferreira et al. 2020; Ray e Shakeel 2022) assim como a apreciação não só dos fatores de risco sociocultural isolados, mas da acumulação destes fatores, que parece ter um efeito na qualidade da relação mãe-criança (Samerof 2010). Estes estudos evidenciaram assim que as relações entre estes fatores mostraram uma correlação significativa, indicando que diferentes fatores não só se acumulam, como podem interagir, suprimindo ou ampliando o efeito de outros (Cadima, Peixoto e Leal 2006; Mulder et al. 2018; Ray e Shakeel 2022;). No entanto, no presente estudo, a acumulação de fatores de risco não se associou de forma estatisticamente significativa à qualidade da relação mãe-criança. Tal se pode dever à natureza da relação mãe-criança, que pode ser influenciada por outros fatores que aqui não foram considerados, nomeadamente, suporte social percebido ou a saúde mental das mães. Os resultados podem ainda se dever a ter sido apenas usada uma medida que capta as perspetivas das mães, mas não a qualidade da relação observada ou de acordo com a perspetiva de outros informantes. E ainda tratar-se de uma amostra em que o número de fatores de risco presentes foi relativamente baixo.

Neste sentido, são necessários mais estudos que se foquem nas interações entre vários fatores de risco socioculturais e a sua influência na qualidade da relação mãe-criança. No caso específico dos agregados numerosos e do seu efeito na frustração relacional, este estudo poderá apontar para um efeito positivo e de suporte do agregado numeroso. Este efeito não está

atualmente estudado na literatura sobre fatores de risco socioculturais. No entanto, existem alguns estudos focados na cultura hispano-americana e na ampla função do agregado numeroso em proporcionar um ambiente de apoio às famílias e ao seu desenvolvimento (Behnke et al. 2008; Cardoso e Thompson 2010). Será então necessário replicar este tipo de estudos noutros ambientes familiares europeus ou de outras culturas, de forma a analisar os efeitos dos agregados numerosos ou da sua inter-relação na qualidade da relação mãe-criança.

LIMITAÇÕES E LACUNAS

Existem limitações que merecem ser consideradas para futuros aprofundamentos. Em primeiro lugar, salienta-se que este estudo recorre principalmente às perspetivas das mães. Ainda que estas vozes sejam fundamentais, seria enriquecedor complementar os dados com outras abordagens, como observações diretas do comportamento das crianças e a inclusão das perspetivas de outros adultos significativos, como pais, avós, professores ou cuidadores

Em segundo lugar, enquanto a seletividade da amostra, seria importante alargar a amostra utilizada para fortalecer a validade externa dos resultados e alargar a representatividade, e incluir participantes de diferentes contextos geográficos, socioeconómicos e culturais. Uma amostra mais diversificada poderia revelar variações relevantes e permitir generalizações mais sólidas

O presente trata-se de um estudo de natureza transversal, que limita a análise das transformações ao longo do tempo. Para captar melhor as atitudes parentais ou as trajetórias de desenvolvimento das crianças, seria recomendável a realização de um estudo longitudinal. Tal abordagem permitiria observar como determinados fatores evoluem e interagem ao longo dos anos

Neste sentido, seria igualmente pertinente recolher informação mais específica sobre as circunstâncias socioculturais das famílias envolvidas. Compreender o contexto em que estão inseridas para poder interpretar de forma mais rica e adequada os dados.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O estudo não encontrou evidências sólidas de que a acumulação de fatores de risco socioculturais, por si só, esteja significativamente associada à qualidade da relação mãe-criança. Vale a pena considerar que tal pode dever-se à seletividade da amostra, à baixa presença de riscos socioculturais ou à baixa variabilidade da amostra. Foram identificadas algumas associações entre fatores de risco socioculturais específicos e dimensões da escala PRQ-p sobre a qualidade da relação mãe-criança, embora não como esperado.

Uma das associações observadas revela que viver num agregado numeroso está associado a menores níveis de envolvimento materno com a criança. Esta descoberta sugere que a presença de várias pessoas a formar parte do agregado familiar pode reduzir o tempo e os recursos emocionais disponíveis da mãe para a interação direta com a criança, o que impacta negativamente o envolvimento.

Curiosamente, o mesmo fator de risco (agregado numeroso) esteve associado a menores níveis de frustração relacional. Isto pode indicar que, ainda que o envolvimento direto da mãe com a criança seja menor, a possibilidade de partilhar tarefas com outros membros da família contribui para a redução do stress e dos conflitos na relação. Esta dualidade realça a necessidade de compreender os efeitos contextuais dos fatores de risco socioculturais de forma mais detalhada, considerando tanto os seus potenciais impactos negativos como os possíveis mecanismos de compensação familiar.

Uma vez que a acumulação de fatores de risco socioculturais não se mostrou diretamente associada à qualidade da relação mãe-criança, as políticas públicas devem evitar abordagens generalistas baseadas apenas na quantidade de riscos acumulados, mas sim considerar uma combinação com intervenções mais direcionadas, avaliando os fatores de proteção já presentes no contexto

Uma vez que certos fatores de risco socioculturais, como o agregado numeroso, têm efeitos complexos — ora associados a um menor envolvimento materno, ora a uma menor frustração relacional —, é essencial que as políticas reconheçam a complexidade destes contextos.

A associação negativa entre agregado numeroso e o envolvimento materno sugere a necessidade de apoiar a disponibilidade de tempo e a energia emocional das mães. Os programas de apoio à parentalidade devem ser dirigidos a contextos onde a sobrecarga materna

é evidente, com especial atenção para a distribuição desigual das responsabilidades de cuidados infantis.

Também são precisos estudos longitudinais que permitam uma melhor compreensão do impacto dos fatores de risco socioculturais na qualidade da relação mãe-criança. Isto permitirá o desenvolvimento de políticas mais robustas e baseadas em evidências

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abidin, R. R. (1995). *Parenting Stress Index (3rd ed.)*. Psychological Assessment Resources.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709-716.
- Ainsworth, M. D. S., & Bell, S. M. (1970). Attachment, exploration, and separation: Illustrated by the behavior of one-year-olds in a strange situation. *Child Development*, 41(1), 49-67.
- Assiego Cruz, V., De Uribe Gil, P., Ferreres Esteban, A., & González Villanueva, M. (2019). *Madres y punto. La realidad invisible de la monoparentalidad en España: desde las prácticas sociales a la voz de las madres*. FAMS.
- Bandura, A. (1997). *Self-Efficacy: The Exercise of Control*. MacMillan.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887–907.
- Behnke, A. O., MacDermid, S. M., Coltrane, S. L., Parke, R. D., Duffy, S., & Widaman, K. F. (2008). Family cohesion in the lives of Mexican American and European American parents. *Journal of Marriage and Family*, 70(4), 1045-1059
- Bowlby, J. (1982). Attachment and Loss: Vol. 1. *Attachment. Basic Books*. The Hogart Press
- Bronfenbrenner, U. (1977). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Harvard University Press.
- Brumariu, L. E. (2015). Parent–child attachment and emotion regulation. Attachment in Middle Childhood: *Theoretical Advances and New Directions*, 31-45. <https://doi.org/10.1002/cad.20098>
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D. and Tamis-LeMonda, C. 2007. Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to pre-K. *Applied Developmental Science*, 11 (4): 208 – 213.

- Cadima, J., Peixoto, C., & Leal, T. (2009). Factores de Risco: A Multiplicidade das Variáveis Contextuais no Desenvolvimento das Crianças. *Psicologia*, 175-192. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56401/2/85992.pdf>
- Cadima, J., McWilliam, R. A., & Leal, T. (2010). Environmental risk factors and children's literacy skills during the transition to elementary school. *International Journal of Behavioral Development*, 34(1), 24-33. <https://doi.org/10.1177/0165025409345045>
- Cardoso, J. B., & Thompson, S. J. (2010). Common themes of resilience among Latino immigrant families: A systematic review of the literature. *Families in Society*, 91(3), 257–265. <https://doi.org/10.1606/1044-3894.4003>
- Castro, M. e. (2015). Parental involvement on student academic achievement: A meta-analysis. *Educational Research Review*, 14, 33-46. Elsevier. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2015.01.00>
- Chavda, K., & Nisarga, V. (2023). Single parenting: Impact on child's development. *Journal of Indian Association for Child and Adolescent Mental Health*, 19(1), 14-20. <https://doi.org/10.1177/09731342231179017>
- Crnic, K., & Low, C. (2002). Everyday stresses and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (Vol. 5, pp. 243–267). Erlbaum.
- Deffaa, M., Weis, M., Muñoz, L., et al. (2022). The role of culture and contextual risk for maternal parenting and children's behavior regulation in Chile and Germany. *Journal of Child and Family Studies*, 31, 2472–2490. <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02343-9>
- Eisenberg, N., & Cumberland, A. (2001). The relations of regulation and emotionality to children's externalizing and internalizing problem behavior. *Child Development*, 72(4), 1112-1134. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00337>
- Elder, G. H., Johnson, M. K., & Crosnoe, R. (2003). The emergence and development of life course theory. In J. T. Mortimer & M. J. Shanahan (Eds.), *Handbook of the Life Course* (pp. 3-19). Springer.

- Ferreira, T., Cadima, J., Matias, M., Vieira, J. M., Leal, T., & Matos, P. M. (2016). Preschool children's prosocial behavior: The role of mother-child, father-child and teacher-child relationships. *Journal of Child and Family Studies*, 25, 1829-1839. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0369-x>
- Ferreira, T., Cadima, J., Matias, M., Leal, T., & Matos, P. M. (2022). Relations between child self-control, maternal relational frustration, and teacher-child conflict: A longitudinal study with children from dual-earner families. *Development and Psychopathology*, 34(1), 183-196. <https://doi.org/10.1017/S0954579420001182>
- Garbarino, J. (1995). *Raising children in a socially toxic environment*. Jossey-Bass Inc., Publishers, 350 Sansome Street, Fifth Floor, San Francisco, CA 94104-1342.
- Garbarino, J., & Ganzel, B. (2000). The human ecology of early risk. In J. P. Shonkoff & S. J. Meisels (Eds.), *Handbook of Early Childhood Intervention* (pp. 76-93). Cambridge University Press.
- Gelman, S. A. (2009). Learning from others: Children's construction of concepts. *Annual review of psychology*, 60(1), 115-140. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.59.103006.093659>
- Gershoff, E. T. (2002). Corporal punishment by parents and associated child behaviors and experiences: A meta-analytic and theoretical review. *Psychological Bulletin*, 128(4), 539-579. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.128.4.539>.
- Jones, T. L., & Prinz, R. J. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical Psychology Review*, 25(3), 341-363. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.12.004>
- Lamb, M. E. (1981). *The Role of the Father in Child Development*. Wiley & Sons.
- Lareau, A. (1989). *Home Advantage: Social Class and Parental Intervention in Elementary Education*. Falmer Press.
- Lareau, A. (2002). Invisible inequality: Social class and childrearing in black families and white families. *American Sociological Review*, 747-776. <https://doi.org/10.1177/000312240206700507>

- Mulder, T. M., Kuiper, K. C., van der Put, C. E., Stams, G.-J.-J. M., & Assink, M. (2018). Risk factors for child neglect: A meta-analytic review. *Child Abuse & Neglect*, 77, 198–210. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.01.006>
- Naito, T., Tomata, Y., Otsuka, T., Tsuno, K., & Tabuchi, T. (2022). Did children in single-parent households have a higher probability of emotional instability during the COVID-19 pandemic? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(7), 4239. <https://doi.org/10.3390/ijerph19074239>
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development* (5th ed., pp. 58–93). Wiley.
- Raver, C. C. (2004). Placing Emotional Self-Regulation in Sociocultural and Socioeconomic Contexts. *Review of Research in Education* 75(2), 346-353 <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00676.x>
- Ray, B. D., & Shakeel, M. D. (2022). Demographics are Predictive of Child Abuse and Neglect but Homeschool Versus Conventional School is a Non-issue: Evidence from a Nationally Representative Survey. *Journal of School Choice*, 17(2), 176–213. <https://doi.org/10.1080/15582159.2022.2108879>
- Rohimah, I., Jannah, M., & Kusnandar, E. (2022). Social emotional development of early childhood in single-parent family. *ICOBBA 2021*, 391-397. <https://doi.org/10.51773/icobba.v1i2.108>
- Sameroff, A. J., & Chandler, M. J. (1975). Reproductive risk and the continuum of caretaking casualty. In F. D. Horowitz, M. Hetherington, S. Scarr-Salapatek, & G. Siegel (Eds.), *Review of Child Development Research* (Vol. 4, pp. 187–244). University of Chicago Press.
- Sameroff, A. J. (2008). *The Transactional Model of Development: How Children and Contexts Shape Each Other*. American Psychological Association.

- Sameroff, A. J. (2010). A unified theory of development: A dialectic integration of nature and nurture. *Child Development*, 81(1), 6–22. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01378.x>
- Shonkoff, J. P., & Garner, A. S. (2012). The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. From the *American Academy of Pediatrics*, 232-246. <https://doi.org/10.1542/peds.2011-2663>
- Shonkoff, J. P. (2016). Capitalizing on advances in science to reduce the health consequences of early childhood adversity. *JAMA pediatrics*, 170(10), 1003-1007. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2016.1559>
- Zheng, S., Fang, J., Bai, G., et al. (2023). The association between parental risks and childhood development: Findings from a community-based survey in East China. *BMC Public Health*, 23, 878. <https://doi.org/10.1186/s12889-023-15702-y>

FATORES DE RISCO SOCIOCULTURAL E A QUALIDADE DA RELAÇÃO MÃE CRIANÇA

Vilna Graciela Mercado Ramos

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

